

CATHARINA MAURA

PRAZER PROIBIDO

Tradução de
Maria Gabriela Ferreira

alma
dos
livros

*Este livro é para os que permitiram que a vida lhes passasse ao lado
sob o pretexto de estarem a agir da forma correta.*

*Continua a fazer as escolhas difíceis que sabes serem inevitáveis,
até que a tua vida supere os teus mais belos sonhos.*

Nota:

Este livro aborda temas como
a violência doméstica e a perda de familiares.

Um

DION

Quando a avó nos pediu, a mim e aos meus irmãos, que nos reuníssemos hoje na sua sala de estar, eu já sabia o motivo. Não o queria admitir, mas sabia que tinha chegado a minha hora.

Os olhos da avó percorrem a sala, e, enquanto observa os meus quatro irmãos e a minha irmã mais nova, eu observo-a a ela. Atento no seu cabelo pelos ombros, irrepreensivelmente penteado, no fato azul que está a usar e na sua postura absolutamente implacável. Hoje, não há qualquer amabilidade no seu olhar.

Fico inquieto quando aclara a voz, e o meu estômago contorce-se quando os seus cruéis olhos verdes se detêm em mim. Já sabia o que ela ia dizer ainda antes de ter começado, mas isso não reduz o peso das suas palavras.

– Dion, a data do teu casamento foi marcada – anuncia, num tom de voz tão definitivo que me deixa incomodado. – O casamento será daqui a seis meses.

A tensão na sala é palpável, sente-se a resignação no ar.

– Compreendo – murmuro, incapaz de mostrar segurança na voz.

Não consigo pôr a minha habitual máscara de indiferença e baixo o olhar, não querendo preocupar desnecessariamente os meus irmãos. Os casamentos combinados são uma tradição da família Windsor, e sabia há anos que este dia iria chegar. De todos os meus irmãos, sou o único que está noivo há anos, o único que sabe há mais de uma década com quem se vai casar. Isso não significa que seja mais fácil. Não – quando muito, assemelha-se a uma lenta caminhada até à força, até que, por fim, o meu destino seja consumado.

A minha avó começa a discutir os planos para o casamento, pormenores, calendários, mas quase não me consigo focar nas suas palavras. Só consigo pensar na Faye, a minha noiva.

Quando penso nela sinto sempre remorso, e hoje não é diferente. Remorso por tudo de que a privei e por tudo o que ainda vou destruir. Ela devia ter a vida inteira pela frente, mas, em vez disso, vou arruinar o que ainda lhe resta.

– Dion? – diz a minha avó, despertando-me dos meus pensamentos. Levanto subitamente o olhar e percebo que a sala ficou silenciosa. – É preciso recordar-te do nosso acordo? Tens de parar de evitar a Faye.

Cerro os maxilares e anuo de forma seca. Desde crianças que eu e a Faye estamos noivos, mas só fui informado aos 16 anos. Assim que pude, fugi para um colégio interno e depois para uma universidade no estrangeiro. A ideia de casar com uma mulher dez anos mais nova horrorizava-me, mas não era só isso. Incomodava-me que fosse *ela*.

Continuei a fugir e escolhi focar-me na expansão do nosso império depois de acabar a universidade, só para não ter de me cruzar com ela mais de um par de vezes por ano. Trabalhar no estrangeiro permitiu-me ganhar tempo, mas não foi o suficiente.

Nunca será.

A minha avó continua a falar, mas já não aguento mais. Antes de perceber o que estou a fazer, saio porta fora com a mente num turbilhão. Continuo a andar, preciso de ar fresco, de vento frio – qualquer coisa que afaste a Faye dos meus pensamentos.

Caminho tão concentrado que nem percebo para onde me dirijo. O meu coração contorce-se de dor quando paro em frente a um edifício que me é familiar. A dor intensa alivia-me do entorpecimento que tinha tomado conta de mim desde que saíra da sala. Não tive intenção de vir até aqui, mas esta noite, claramente, não consigo escapar à minha culpa.

Os meus dedos tateiam suavemente o compartimento escondido na parede e empurro um dos tijolos, alcançando uma chave sobresselente. A casa onde passámos a nossa infância é o único edifício da propriedade em que não instalámos novas tecnologias. Apesar de nunca termos discutido o assunto, ficou implícito entre mim e os meus irmãos que o deixaríamos intacto. Talvez seja um desejo de preservar o que resta dos nossos pais, ou talvez nenhum de nós esteja realmente preparado para se libertar do passado. Duvido de que alguma vez estejamos.

A casa está silenciosa, e, apesar de estar tal qual me lembro, parece-me diferente. Outrora calorosa, está agora vazia, e isso afeta-me tanto quanto me afetou há vinte anos.

Uma parte de mim esperava que a minha mãe descesse as escadas para me receber com um sorriso. Saber que nunca mais a verei dói como no primeiro dia. Hoje, até mais do que o habitual.

Respiro fundo e sinto os pulmões contrair, não sendo capaz de atenuar a dor que sinto. Dava tudo para ter os meus pais aqui comigo, e saber que não há nada que possa fazer para os trazer de volta despedaça ainda mais o meu coração já desfeito.

Paro em frente ao armário onde o meu pai guardava as bebidas e fico a pensar como seria beber um copo com ele. Que conselhos me daria? Ele adorava a Faye quando ela era pequena, e duvido que viesse a mudar de opinião.

Pego numa das suas melhores garrafas de *whisky* com as mãos a tremer e levo-a aos lábios. A bebida aquece-me a garganta, e aprecio a sensação enquanto caminho pela casa até os meus pés pararem em frente ao piano da minha mãe. Fico estático, com um vazio no coração. O piano de cauda foi construído por encomenda para ela, tendo em atenção cada pormenor, do brasão dos Windsors em ouro, no topo, ao acabamento em pau-rosa que ela me deixou escolher. É digno da rainha que era, e eu adoraria ouvi-la tocar uma última vez. Dava a minha vida para ver só mais um sorriso.

Dou mais uns goles no *whisky* do meu pai e, por um instante, interrogo-me sobre o que pensaria a minha mãe se me visse agora. Ficaria desapontada por eu ter parado de tocar piano? Mais uma vez, penso na Faye, e dou mais um passo.

A minha mãe teria adorado a mulher em que a Faye se tornou, nem que fosse por ela ser pianista, tal como ambas as nossas mães foram. Pedir-lhe-ia que tocassem juntas nesta sala e nunca ficariam sem assunto. Contaria à Faye como me ensinou a tocar e como gostaria de que lhe tivesse seguido as pisadas. Será que o teria feito se não a tivesse perdido?

Sento-me no banco do piano da minha mãe. A partitura, intocada. *La Campanella*. A sua peça favorita. Nem precisava de ler para a tocar – a partitura era para mim. Foi a última peça que me tentou ensinar e uma das poucas que nunca consegui aprender. Não verdadeiramente.

Deslizo os dedos pelas teclas de marfim, de coração pesado.

– Tenho saudades tuas – murmuro, desesperado por uma resposta. Como não recebo nenhuma, levo a garrafa do meu pai aos lábios outra vez e bebo um grande trago.

Guiado pelo desespero, pouso a garrafa junto aos pés e começo a tocar lentamente. Os meus olhos percorrem a partitura e, por um momento, recordo-me do motivo por que gostava tanto de tocar, numa altura em que o som de um

piano não me dilacerava o coração, quando era uma coisa só nossa – minha e da minha mãe.

A música soa distorcida, arruinada pela falta de afinação do piano, mas, de algum modo, condiz mais com o meu estado de espírito do que a habitual leve e animada melodia de Liszt. Soa tão despedaçada como eu, e as notas que falho fariam a minha mãe arrepiar-se. Ter-se-ia encolhido ao ouvir-me assasinar a sua peça favorita e ao perceber o estado de desafinação do seu piano devido à minha negligência. Depois, teria sorrido de forma reconfortante, pois era assim que ela era. Era conforto, amor e a luz da minha vida. O meu mundo ficou envolto em sombras desde o dia em que os meus pais morreram, e acho que nunca me libertarei delas.

A melodia escurece, fica mais violenta, a acústica desta sala continua tão perfeita como sempre, mas não tem qualquer efeito no meu coração partido. A nota final ecoa e eu expiro, abalado, ao descansar a testa no atril.

– Nunca pensei que te fosse ouvir tocar outra vez.

Endireito-me e viro-me para dar com a minha irmã junto à porta com uma expressão tão atormentada como a minha deve estar. Como adivinhou onde eu estava?

Afasto o pensamento e sorrio com ironia. Claro que adivinhou! Eu e a Sierra somos feitos da mesma matéria. Ela é resplandecente, como a nossa mãe, mas esconde atrás do sorriso uma profundidade que poucos conseguem compreender. De todos nós, é a mais observadora, a que mais se preocupa. Vive tudo com intensidade, os bons e os maus momentos, e sente a dor de cada irmão. A noite de hoje pode ser difícil para mim, mas o meu sofrimento vai magoá-la ainda mais a ela. Sei que devia disfarçar e ser o irmão mais velho que ela merece, mas não consigo. Hoje não.

Encaminha-se para mim e ajoelha-se ao lado do banco, sorrindo nervosamente. Afasto um braço em jeito de convite e ela abraça-me com força. Suspiro ao pousar o queixo no topo da sua cabeça e devolvo-lhe o abraço.

– Acho que não consigo fazer isto – admito, com a voz pouco mais que um sussurro. É a única pessoa que sabe a culpa e a vergonha que carrego, os pecados que me pesam.

– A culpa não foi tua, Dion – mente.

– Não lhe posso fazer isto. Não a ela.

A Sierra afasta-se para me encarar com uma expressão cautelosa.

– Mas tens de o fazer. E se o que procuras é absolvição, haverá melhor maneira do que fazeres a Faye feliz? Talvez descubras a felicidade que mereces ao fazê-lo. Porque tu mereces, Dion. Mereces ser feliz.

Olho a minha irmã nos olhos, refletindo sobre a sua sinceridade. Como pode acreditar nisto com tanta intensidade, tanta convicção? Como pode estar aqui sentada sem me culpar por tudo o que lhe tirei, a ela e a todos?

Sentiria o mesmo se soubesse a maldade que escondo? Receio que o meu veneno acabe por contaminar a Faye. Estar comigo vai manchá-la, corrompê-la – e há uma parte de mim, doentia e perversa, que o *quer*. Que diria a Sierra se eu admitisse que não ando a fugir da minha noiva apenas por me sentir culpado?

Dois

FAYE

As minhas costas estão perfeitamente direitas enquanto levo o garfo à boca, mas um ligeiro tremor na mão denuncia o pavor que sinto formar-se-me no estômago. Aperto o garfo com mais força, tentando acalmar-me, à medida que mastigo os ovos escalfados insossos.

Estamos todas à espera – à espera de que o nosso pai se vire contra nós por qualquer motivo. Será a comida? Talvez ache que estamos a mastigar demasiado alto. Seja o que for, algo vai correr mal. Normalmente, já teria saído para o trabalho a esta hora, e o facto de ainda não o ter feito não abona nada a nosso favor.

A minha madrastra, a Abigail, tem a mesma expressão que eu, de falsa cordialidade nascida do medo. Estamos ambas estranhamente calmas, tendo aprendido da pior forma que qualquer outro comportamento irrita o meu pai.

Controlo a respiração e foco-me em engolir a comida. Não me vai apanhar a desperdiçar uma migalha que seja, mesmo que esteja quase a vomitar.

A minha ansiedade continua a subir à medida que as minhas duas meias-irmãs mais novas, a Linda e a Chloe, se contorcem nas cadeiras. Vejo a irritação do meu pai crescer a cada segundo. *Por favor*, imploro em pensamento. *Por favor, que não sejam castigadas pela sua irrequietude.*

Sinto-me tão grata quanto assustada por as minhas irmãs não terem aprendido a comportar-se de acordo com as exigências do nosso pai. Significa que ainda há esperança para elas, que ainda não lhes arrancaram a alma – mas também significa que as atitudes dele as magoam mais do que a mim. Eu já me habituei, mas espero que elas nunca tenham de o fazer. Já não falta muito. Mais alguns meses e tudo, finalmente, melhorará.

– Linda – diz o meu pai, e ela congela.

Por uma fração de segundo, vejo pavor nos olhos da minha irmã, mas ela controla-se, exibindo o sorriso que todas aperfeiçoámos ao longo do tempo. Até agora, ele nunca as magoou, mas por quanto mais tempo as poderei proteger?

– Sim, pai?

– Quando partes para a faculdade?

Sinto uma pontada de anseio no fundo do peito e respiro fundo. Acabei de me licenciar, mas, ao contrário da minha irmã mais nova, nunca me foi permitido viver no *campus*. Não lhe tenho ressentimento por viver essa experiência, mas há uma pequena parte de mim que gostava de a ter vivido também.

– Daqui a três semanas – responde, com voz suave e doce.

A Linda tem tantas escolhas pela frente, questiono-me se sabe o luxo que isso é. Vai poder escolher o que quer estudar, que amigos quer ter. Vai livrar-se das garras do nosso pai e escapar para um mundo que a deixará criar o seu futuro – é tudo o que sempre quis para ela.

Imagino como será podermos descobrir os nossos interesses tal como ela terá oportunidade de fazer. Fui obrigada a formar-me em Gestão para ganhar conhecimentos que me permitissem ter conversas interessantes com o Dion, mas nunca tive qualquer interesse pela área. Tudo na minha vida foi feito à medida, tudo para que me tornasse a esposa perfeita para ele.

Nem sei se seria pianista se não fosse o Dion. Se não fosse esperado que eu me casasse com ele, teria sido forçada a aprender a tocar? Teria a minha infância sido passada a praticar escrupulosamente e a competir? Talvez – afinal, a minha mãe era uma pianista famosa, tal como o meu avô. O meu pai está convencido de que estava nos genes da minha mãe, uma vez que nem a Chloe nem a Linda têm qualquer talento para o piano que ele possa explorar, o que muito o desanima.

– No final do teu segundo semestre, tens de tirar uns dias para o casamento da Faye. Vamos precisar de ti aqui e *vais* apoiar a tua irmã.

O desânimo dá lugar à desolação, enquanto dou outra dentada na comida, fingindo não ter ficado perturbada. Deixa-me feliz que nenhuma das minhas irmãs esteja no meu lugar, mas dava tudo para viver um só dia de verdadeira liberdade – não me sentir um sacrifício, um ser reprodutor.

A Chloe move-se na cadeira e eu lanço-lhe um olhar. Mais dois anos e também escapará deste sítio a que somos obrigadas a chamar lar. Eu, por outro lado, vou apenas trocá-lo por outra gaiola dourada.

A minha mente vagueia involuntariamente por outro futuro, um em que tenho liberdade para escolher o que visto e onde vou, o que como e como falo. Viajaria pelo mundo, à procura de aventuras, nem que fosse apenas para perceber do que gosto, quem sou. Tocaria um piano abandonado numa pequena estação de comboios, só por me apetecer, não por ser esperado que o faça. Dançaria à chuva e beberia mais do que o apropriado, saboreando cada momento que me fizesse sentir *viva*. Daria a mão ao homem que me escolhesse, que me quisesse, e seríamos *felizes*. Quando penso neste futuro, não é nos olhos verdes do Dion que penso. Não. Nos meus sonhos mais insensatos, os olhos que brilham na minha direção são castanhos, da cor do café, reveladores de uma profunda devoção.

Sinto o meu pai a observar-me antes de a faca dele bater na mesa. O som do metal no mármore é um presságio que aprendi a reconhecer.

– Faye – diz, com a voz enganadoramente calma –, falaste com o Dion recentemente? Pelo que sei, ele vai voltar de Londres e, por isso, vai cá passar mais tempo.

O meu estômago encolhe-se quando penso no meu noivo. Há meses que não sei nada dele e, dê por onde der, o meu pai arranjará maneira de me culpar por isso. Há um mês que a data do casamento foi decidida, mas ainda nem falámos sobre isso. Devia ter adivinhado que ia regressar em breve, mas, por algum motivo, pensei que ainda tinha tempo.

– Liguei-lhe inúmeras vezes e ele disse-me que me contactava quando fosse necessário – minto num tom perfeitamente calmo.

Só liguei ao Dion uma vez, há umas semanas, e a chamada foi direta para o *voicemail*. Não voltei a tentar, mas é impossível o meu pai saber disso. Não nos vemos fora dos eventos oficiais dos Windsors e, certamente, não mantemos contacto. Aliás, suspeito que sou uma das razões pelas quais ele escolheu trabalhar nos escritórios do estrangeiro. É sempre extremamente educado e cortês, mas é óbvio que não quer casar comigo. A sua completa e total indiferença por mim não deixa margem para dúvidas. Duvido de que alguma vez saiba como lhe estou grata por isso. Se tiver sorte, tratar-me-á da mesma forma quando nos casarmos.

–Faye, chega aqui – murmura o meu pai com uma voz afável.

Sinto um arrepio na espinha e o meu coração dispara, em pavor. Engulo em seco e levanto-me, medindo os meus passos. Sei que não lhe posso desobedecer. A minha mente é um turbilhão de pânico quando paro à sua frente encolhida de medo. Sinto o desespero, mas recuso-me a ceder.

O meu pai afasta a cadeira da mesa, e o rangido faz com que a Chloe solte um lamento. Olho para ela por um instante, rezando para que mantenha os olhos no prato e a boca fechada. A última coisa que quero é que ele transfira a raiva de mim para ela.

Mantenho-me imóvel enquanto a mão dele me envolve a garganta, apertando-a devagar. Nunca aperta com tanta força que deixe marcas, mas é sempre a suficiente para que seja difícil respirar. Dou o meu melhor para me manter calma, sabendo que entrar em pânico só piora a situação de todas nós. Os dedos dele enterram-se na minha pele e apertam-me o pescoço, permitindo-me respirar apenas o suficiente para me manter lúcida.

– Tenho de te lembrar do que está em causa? – murmura, com o olhar repleto de ódio.

Os Windsors prometeram-lhe dois milhões por cada ano que esteja casada com o Dion, até um total de seis milhões, e o meu pai nunca me deixa esquecer disso.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas à medida que os meus pulmões lutam por respirar. Não me posso deixar levar pelo ataque de pânico que sinto crescer no peito. Se perder a calma a que me estou a agarrar, ele só se tornará mais violento, e não apenas comigo.

– Não, pai – respondo em voz estrangulada.

Desvio o olhar, incapaz de encarar o dele. Nunca consegui perceber porque me odeia tanto, nem diminuir a força desse ódio. Faça o que fizer, nunca sou merecedora da bondade que tantas vezes demonstra pela Linda e pela Chloe. Só a mim me magoa desta forma, nunca a elas. Sou grata por serem poupadas a esta crueldade, mas também gostava de o ser.

– Agora que, finalmente, foi marcada uma data para o casamento, é melhor não lhe dares razões para o adiar mais. Não foi mau o suficiente terem insistido em esperar pelo fim do teu curso? Estou farto de esperar, Faye – diz, apertando os dedos à volta do meu pescoço até que eu anuo em concordância. – O Luca Windsor desobedeceu à avó e casou com a secretária, em vez de com a noiva que lhe estava destinada. Criou um precedente que nos pode dificultar a vida. O Dion nunca achou que tivesse escolha, mas agora vê as coisas de maneira diferente. A apenas uns meses

do casamento, não podemos cometer erros. É tempo de mudar de estratégia: em vez de o evitares com medo de que a família dele perceba quão inadequada és, tens de o encantar o suficiente para que ignore os teus defeitos.

O meu estômago contorce-se, mas, ainda assim, aceno com a cabeça, resignada ao meu destino. A última coisa que quero é estar perto do Dion, mas não tenho escolha. Não é só a minha vida que está em risco. Se não fizer o que o meu pai manda, castigará a minha madrastra.

– Sim, pai – murmuro, com uma postura recatada, apesar da rebeldia que arde dentro de mim.

Ele larga-me e pega no telemóvel.

– Não estragues isto – avisa, antes de sair da sala.

A porta fecha-se atrás dele e eu sento-me devagar no lugar que deixou livre, não conseguindo manter-me em pé por mais tempo. Tremo e odeio-me por isso. Odeio sentir-me tão fraca, tão vulnerável. A Chloe aproxima-se de mim, dá-me a mão e forço-me a sorrir.

– Estás bem? – sussurra.

Digo que sim com a cabeça e aperto-lhe a mão. Estou longe de estar bem, mas tenho tanta experiência a disfarçá-lo, que às vezes até a mim engano.

– Tens de ir ter com o Dion em breve – diz a Abigail em voz baixa.

Nem se dá ao trabalho de perceber se estou bem. Talvez se tenha habituado a como as coisas são, ou talvez não queira mesmo saber de mim. Cada vez mais me interrogo se não será a segunda opção. Quando foi a última vez que me tentou defender? Não quero que se meta entre mim e o pai, isso só pioraria as coisas, mas não devia, pelo menos, preocupar-se um pouco?

– Sim. Vou estar com a irmã dele hoje, e, se ele já tiver regressado, pode ser que esteja lá – minto, suprimindo a onda de culpa que acompanha as minhas palavras.

– Ainda bem – suspira.

Olho para ela por um segundo e contemplo a sua maquilhagem impecável e o lindo cabelo loiro que a distingue, e às minhas irmãs, de mim. Questiono-me se haverá pisaduras debaixo da quantidade de base que usa.

– O teu pai é um bom homem – diz, com os olhos no prato.

Pergunto-me quem está a tentar convencer quando diz isto: a mim, às minhas irmãs ou a si mesma?

– Assegura-te só de que o Dion se casa contigo, Faye. Tudo voltará a ser perfeito quando recebermos o dinheiro que os Windsors nos prometeram. O teu pai não tem estado em si desde que a empresa quase faliu. A indústria mineira já não é o que era. Ele está a dar o seu melhor, mas precisa dessa ajuda financeira.

Ela diz sempre isto, mas não me lembro de o meu pai ter sido diferente. Prende-se ao que o meu pai era há mais de uma década, quando o seu negócio ainda prosperava, antes de o seu amor pelo álcool se tornar maior do que o seu amor por nós.

Suspiro e levanto-me, incapaz de continuar a olhar para ela.

– Tenho de ir. Não quero deixar a Sierra à minha espera – digo, mentindo agora com mais facilidade.

Mais uma vez. Serei egoísta uma última vez.